

Este livro de Esther Abranches Nobre é um livro singular. Reconstitui, numa aldeia da serra da Estrela, Vide de seu nome, o «Tempo dos Almocreves». Mas não apenas. Rememora também os costumes, as romarias, a culinária, as superstições, a vida, enfim, do princípio do século passado no microcosmo desse modesto lugar.

Recupera, sobretudo — e essa é a maior originalidade do livro —, o linguajar dos serranos desse recuado tempo. E o que mais surpreende é o sabor vicentino desse português semiarcaico, semimoderno. Terá o genial ourives passado pelas feiras daquela corda de serras? Ou trata-se apenas de um encontro de almas de Esther Abranches com o grande dramaturgo?

Este livro é uma torrente poética. De recordações, de rimas, de imagens, de talento. Mergulha também raízes nos velhos cancioneiros. Há muito que se não escrevia nada assim.

ESTHER ABRANCHES

NO TEMPO DOS ALMOCREVES

ESTHER ABRANCHES

NO TEMPO DOS ALMOCREVES

Prefácio de ANTÓNIO DE ALMEIDA SANTOS



ISBN 972-27-1322-1



9 789722 713221

INCM

BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



PREFÁCIO

1. *Esther Gil Abranches Nobre, que assina as suas obras literárias apenas como Esther Abranches, foi uma notável poetisa e uma brilhante prosadora.*

Tenho a honra de ter sido seu parente, ainda que afastado, e de termos de comum o amor que ela teve, e eu ainda tenho, pela aldeia da serra da Estrela em que nasceu e eu me criei. Vide é o seu nome, que bem tarde passou a figurar no mapa.

Cem casas, não mais, divididas pelo risco ao meio do rio mais belo do Mundo, porque é o rio da nossa aldeia (Fernando Pessoa dixit) e nele saltam ainda trutas.

Na idade, separavam-nos duas décadas. Deixou-nos em 1997, com o bonito rol de quase 90 anos. Mas, pensando bem, nunca essa diferença funcionou de separador. É que sempre tive uma enorme curiosidade pela minha Vide anterior a mim, bem certo de que havia sido ainda mais genuína e autêntica da que a que eu próprio conheci e aprendi a amar.

Ainda a recorde sem ligação ao Mundo por estrada e sem luz eléctrica. De certo modo me decepcionou a chegada de uma e outra. A luz artificial apagou o brilho das estrelas da iniciação do meu pendor reflexivo e utópico. E a estrada, ao trazer a camioneta da carreira, que despejava a civilização no largo da ponte, não trouxe só vantagens. Roubou-nos o que restava da inocência original.

Esther Abranches vinha dos longes de África, onde seu marido exercia funções no quadro da administração colonial, expressamente para matar saudades. Nas noites quentes de Verão, sentados na varanda do saudoso Padre Cândido, seu

tio e meu saudoso primo, ouvindo o coaxar das rãs, enquanto não chegava a hora do voltarete batido na mesa de descer e subir da cozinha do prior; eu ouvia-a, deliciado, passar o filme da sua juventude, na espantosa fidelidade da sua memória. O mesmo filme que nos descreve, em prosa e em verso, nos textos que reuniu sob o bem achado título comum de No Tempo dos Almocreves.

Ainda conheci um que outro almocreve, e uma que outra recoveira. Mas a camioneta da carreira passou-lhes um certificado de inutilidade e de reforma. Foram úteis enquanto foram. Eles com o seu macho, elas com a sua canastra, afeitos às tempestades e aos declives da Serra, transportavam e forneciam os produtos que a terra não dava, das povoações de Trás-de-Serra, ou da corda de feiras na vertente de cá do maciço central da majestosa Estrela.

Curtidos pelas intempéries, rijos e valentes, conheciam tão bem as veredas da Serra como as asperezas da vida. Aquilino deu-nos magistralmente o retrato de um almocreve no seu imortal Malhadinhas, um dos picos mais altos da literatura portuguesa.

Esther Abranches gostava de recordar esse tempo em que foi menina e depois estudante em Coimbra, com férias obrigatórias na sua Vide. Eu deliciava-me a ouvir a descrição desse paraíso perdido.

Seu marido, o inspector Américo Baptista de Sousa, foi um alto funcionário administrativo com uma brilhante folha de serviços. Terminou a carreira em Angola, depois de iniciada em Moçambique, tentando a duras penas implantar no terreno a visão inspiradora do Código do Trabalho do ministro Adriano Moreira — contendo inovações mal aceites pela rotina colonial —, o que lhe acarretou incompreensões e dissabores. Homem de recta razão e vasta cultura, iniciou-me, também na varanda do prior, nos prolegómenos da ciência económica e política, que exerciam sobre mim uma enorme sedução. Foi a ouvi-lo que pela primeira vez ouvi falar em Darwin, Malthus, Marx, Adam Smith. Devo essa homenagem à sua memória. E de algum modo foi o casal responsável pela atracção que a África havia de exercer

sobre mim, a partir do momento em que, integrado no Orfeão Académico da Universidade de Coimbra, em 1949 a visitei.

Atingida a reforma, fizeram da Vide o seu refúgio. Ele a viver, como um monge, os últimos anos da sua vida. Isolado do Mundo, cultivando e cozinhando a sua própria alimentação vegetariana, alérgico às agressões dos noticiários, seleccionando leituras. Um filósofo estóico. Ela revivendo a memória do seu Éden anterior ao pecado original.

Após o 25 de Abril, reencontrava a prima Esther, como sempre lhe chamei, quando as minhas também saudades me levavam à nossa Vide. O mesmo gosto em ouvi-la e em beber os deliciosos relatos da sua criatividade, da sua inspiração e da sua cultura. Eu oferecia-lhe os livros que publicava e ela escrevia-me sempre, depois de lê-los, com grande compreensão dos seus defeitos e enorme tolerância das nossas diferenças. Politicamente, não eram tantas assim! Esther Abranches foi desde muito nova um espírito aberto à modernidade, às ideias dos outros e à dinâmica das gerações. E sendo basicamente conservadora, não escapou às inclemências e às perseguições da censura e da polícia política. Nem essa «condecoração» lhe faltou. Sinceramente crente, repudiava o fanatismo e praticava a mais cristã das tolerâncias. Era um encanto conversar com ela. E nas suas cartas — às vezes postais — era certo um sopro de originalidade e arte.

2. *Despertou cedo a sua vocação poética. Com apenas 15 anos ficou em primeiro lugar num concurso de poesia do Diário de Notícias para poetas jovens. Em 1928, teria 21, a editora Lello publica o seu primeiro livro de versos, Seda Vermelha, onde não era fácil saber o que mais admirar: se a beleza e a espontaneidade da forma, se a originalidade e o arrojo dos temas. Em 1940, a Portugal Editora publica o seu primeiro romance — Rendeiros — e ganha com ele o primeiro prémio da Junta Central das Casas do Povo. O livro teve grande êxito, em especial no Brasil.*

A viver em Angola, para onde o marido havia sido transferido, colabora activamente em jornais e revistas, escrevendo

artigos, contos e ensaios. Mas, de tão causticada pela censura, interrompe essa colaboração e pede asilo à língua francesa, que totalmente dominava. E publica o livro Afrique, Dernier Problème. Apesar do refúgio, a PIDE apreende-o. Mas Leopold Senghor, que não pautava o seu gosto literário pelos padrões da polícia política portuguesa, assim o absolveu de todos os pecados: «Je l'ai lu d'un seul trait. Il ma passioné.» Ora toma!

A gota de água da sua revolta e da sua recusa em deixar que a censura lhe corrigisse o «ditado» foi o corte, pejado de ódio colonialista, desta frase mais poética do que malévola: «o equador é a aliança de casamento de Deus com África.»

O seu «pecado» foi ter amado intensamente a África. Indignava-a o desconhecimento dela, nisso filiando o desprezo a que era votada. «O desconhecimento de África», escreveu, «era uma pelada atroz na pele da besta colonial.» Filiava muito da sua cultura no facto de ter frequentado «uma Universidade chamada África» e de se ter «matriculado na Faculdade do Mato». O próprio marido, apesar da sua formação — curso da Escola Superior Colonial — e dos deveres a que se encontrava profissionalmente ligado, tinha de África, e dos seus problemas, uma visão mais arejada do que o comum dos seus colegas. Livre de condicionamentos culturais, Esther Abranches reivindicou o direito de pensar e amar por si mesma, ainda que cada vez mais fechada no casulo da sua indignação. E quando, por ter escrito, na melhor das intenções, «qu'il fallait que l'Afrique s'éloigne pour pouvoir nous rejoindre», viu cair sobre si novas inclemências, «saudou o medo» e cortou, julgava que para sempre, a ponte com a escrita em português.

Só em francês continua a publicar. Desta vez o poema «Cycle» (editora La Pensée Universelle), seguido de uma brilhante peça de teatro, Tarasia Regina, que Pedro Tamen considerou «desejar ter escrito». «É torrencial» — acrescentou.

Mas, regressada a Portugal, e enfim liberta do trauma da censura, regressa também à escrita em português: uma colecção de poesias, A Hora de Deus, O Livro de Esther e, já na década final dos seus dias, que não da sua prodigiosa memória e do seu enorme talento, o conjunto de textos, em verso e em prosa, a que deu o título comum de No Tempo dos Almocreves. Reúnem-

-se esses textos neste volume, depois de terem sido objecto de uma publicação restrita e pouco ambiciosa.

Não me espantaria se, depois de tão longas quarentenas, viessem a ser encontradas no seu espólio literário outras relíquias da sua autoria. Seus filhos — Maria Bela, António Gil e José Américo — aguçam-me a curiosidade com a menção de um romance inacabado (adoro romances inacabados!) sobre a época das Invasões Francesas, a trasladação da corte portuguesa para o Brasil, a presença dela no país irmão e o significado histórico que tudo isso teve. Que tema mais sedutor?

3. Os textos de Esther Abranches, que neste volume se enfaixam, são, mesmo quando em prosa, poemas de amor a uma aldeia bonita, à sua gente, ao seu linguajar, à sua culinária, aos seus costumes, às suas tradições. Em todo o caso uma simples aldeia — dir-se-á. Que relevo pode isso ter num tempo em que tudo se universaliza e num mundo que vertiginosamente se globaliza?

Há nisso verdade. É não apenas uma simples aldeia, aninhada num rebordo da serra da Estrela, mas uma aldeia simples. Não a bafejaram as bênçãos (ou maldições?) da notoriedade. Não foi teatro de nenhuma batalha. Nem de nenhum evento digno da atenção dos media. Mas talvez resida nisso o seu maior encanto. À parte umas vagas pinceladas de civilização, é um refúgio ideal de poetas e sonhadores. E não disse Torga que o universal é o local sem muros?

Acresce que Esther Abranches não nos descreve o hoje dessa aldeia, mas o ontem. Estes seus escritos são registos da história do Portugal beirão e serrano do primeiro quartel do século xx, com deliciosas retrospectivas, já entretecidas de memórias que ela própria recolheu, e que nos reproduz com uma fidelidade impressionante, tida em conta a idade em que no-las transmite. A sua e minha Vide surge nestes seus escritos como microcosmos de um Portugal que o século xx descaracterizou. Mas, enquanto raiz do Portugal de hoje, e suporte da sua mais genuína identidade, é um laboratório retrospectivo de enorme interesse e encanto. Um português a quem não seja indiferente saber de onde vem, não desvaloriza o conhecimento

de como falava, trabalhava, comia, brincava, vivia e tinha fé o povo do coração da Lusitânia. Não nos havemos de esquecer que foi naquele montanhoso teatro de heróis e de lobos que os lusos resistiram ao domínio romano. Os restos de vias ápias que o tempo não apagou atestam a necessidade, sentida pelo mais poderoso exército do tempo, de fazer subir até aos refúgios dos indomáveis lusitanos os seus carros e os seus soldados. E foi precisa uma traição para vencê-los!

Tão genuíno é o vocabulário popular registado que é difícil não o aproximar do de Mestre Gil, cujas obras precederam, passante de três séculos, o falar registado nos escritos de idêntico sabor de Esther Abranches. A similitude é tão singular que não faltará quem, malevolamente, a considere excessiva. Nada disso! Ao ler pela primeira vez estes saborosos versos e estas tersas prosas de Esther Abranches, eu mesmo rememorei vocábulos e maneiras populares de dizer que ouvi aos antigos nessa aldeia, na minha já tão recuada meninice. Era assim que eles falavam. Amortecidos na minha memória, tinham continuado intactos na memória prodigiosa de Esther Abranches. Assim recordei expressões e palavras que me foram familiares, algumas das quais resistiram à rádio e à televisão e ainda têm livre curso entre os menos cultivados.

«Dalpardo», «de súpato», «cum raça», «ando cortada das vrilhas», «aldemenos», «s'lamurda», «água ludra», «bô mó-dão», «entanguida», «engatinhada», «ameixoída», «ai ora eu!», «inculcar», «canchada», «stougada», «enfareia», «bofé» (cá está Mestre Gil!), etc. Páro aqui, travando a tentação de recordar.

Argumenta ela perguntando porque é que Gil Vicente, que foi ourives, além de originalíssimo poeta e nosso primeiro dramaturgo, não havia de ter cirandado com o seu ouro, os seus anéis, os seus cordões, os seus trancelins e as suas arrecadas, pela corda de feiras da Beira-Serra, até Coimbra, colhendo nelas, para depois a recriar, a sua originalíssima maneira de dizer as coisas? E acrescenta: «Lá que há encontros, isso há!» «E quem é que é dono de Gil Vicente?» «Dos contos, rimances e cantilenas que ouvi às mulheres que me trouxeram ao colo... eu nunca pude libertar-me.» «Se elas são vicentinas, a culpa é delas, não é minha!»

Certo é que Gil Vicente «conheceu as Beiras como a palma da sua mão». Terá nascido nas Beiras? Abel Guerra diz que sim. Mas é duvidoso. Admite-se que nas Beiras tenha, em qualquer caso, «vivido algum tempo», antes de ter invadido o «Paço da Alcáçova», a declamar, perante a rainha D. Maria, mãe de D. João III, o seu primeiro monólogo. E antes de, segundo Esther Abranches, «levar para a Corte os queijos de Seia feitos à candeia».

Dando-o, na sua fantasia, por natural da Beira-Serra, diz, ao arrolar as virtudes das «mulheres de esperar» de Trás-de-Serra:

Encolaram Gil Vicente
entre Seia e Covilhã
e o desmamaram, contente,
com sopinhas de aguardente
e bolinhos na sertã.
E de mel mui lambediço
só de favos de cortiço.
E lhe fizeram, de lã,
saíes de escarlata fino,
«brióis de linho, chapéus
e golas de puro arminho»
que na corte foi mofino
tal bragal para o Beirante.
Até o rei D. Juan,
até dona Catarina,
ao verem obra tão fina
de lavor tão deslumbrante
quiseram ver como era
essa vila Trás-de-Serra.

Mestre Gil sempre presente. E não fazem parte do seu prodigioso baú de obras-primas a farsa do Clérigo da Beira, a farsa do Juiz da Beira, a Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela e o Auto da Lusitânia, além de outras que têm as Beiras por teatro e os beirões por figurantes?

É bem certo que Esther Abranches, nos poemas que engloba no título genérico de No Tempo dos Almocreves — sendo que

o almocreve é uma personagem recorrente na obra de Mestre Gil —, se encontrou na Vide, e nas suas recordações dela, com o genial dramaturgo. A mesma estética clássica; semelhante a estrutura novelesca; próxima a inclinação satírica e burlesca. Na linguagem, o mesmo recurso frequente às figuras da síncope e da apócope, o mesmo latim — estropiado ou não! — como entrecosto, por regra a mesma métrica silabar, a mesma rima torrencial. E daí que tem? Plagiou-o, acaso? Bem ao invés, o que mais ressalta dos seus versos é a originalidade criativa!

E depois? Camões não poetou segundo Petrarca? E deixou por isso de ser um dos maiores poetas líricos de sempre? Se eu fosse capaz de versejar com tal qualidade que me confundisse com Gil Vicente, que vaidade não sentiria eu? Uma coisa, porém, é similitude, outra confusão.

E aqui, nenhuma confusão é possível.

4. *O primeiro dos textos ora ajuntados — na ordem da escrita e da publicação — é O Ajuste da Soldada, introduzido precisamente por «Encontros com Gil Vicente» e arrematado pelo belo poema «O adormecer da menina». Segue-se a descodificação dos mais incomuns vocábulos.*

Nos «Encontros com Gil Vicente», e outros textos mais adiante, recreia-se recordando a Vide da sua infância. A Vide dos almocreves e das recoveiras, dos ranchos de Trás-de-Serra a caminho da romaria da Senhora das Preces, em Vale de Maceira; a Vide entreposto de pernoita a caminho das feiras espalhadas pelas povoações cercanas da estrada da Beira, dantes chamada «Estrada Real», após a descida da íngreme vertente do lado de cá do dorso das Pedras Lavradas; a Vide das casas antigas, que recorda com a fidelidade de uma máquina fotográfica; a Vide de João Brandão, entendido em medicina natural, filho do João Brandão capitão de milícias da rainha D. Maria, que a história regista como o «Desventurado de Midões», por ter sido degredado para Angola e ali assassinado; a Vide das querelas de morte jurada, entre este e o temível bandoleiro Caca; a Vide da culinária de deuses; a Vide dos seus antepassados, párcos, professores, gente de

bem; a Vide das festas, das romarias, dos bailes mandados, da matança do porco; a Vide onde se abraçam, ainda reluzentes, as ribeiras de Alvoco e do Piódão; a Vide da velha ponte de granito, entre as duas margens, que uns dizem romana e ela diz dionisina; a Vide onde, segundo alguma tradição indocumentada, D. Dinis teria acertado o seu casamento e cozinhado «uma perdiz, se comê-la quis»; a Vide e a corda das paróquias de padres ordenados no seminário do Padre Nogueira, da catedral do xisto que é o turístico Piódão; a Vide onde velhas amas lhe contaram histórias, lhe ensinaram cantigas, lhe alimentaram fantasias, lhe ensinaram o fabuloso vocabulário de que nestes textos faz uso fluente; a Vide onde fez a primeira comunhão, escreveu o primeiro poema, bordou o primeiro bordado, dançou a primeira dança, ensaiou o primeiro voo.

Eu próprio, vinte anos mais novo, fui seduzido pelo que restava de tudo isso nos meus tempos de menino e moço. Ainda conheci almocreves e recoveiras; tal como ela, subi a pé ao topo do Culcurinho, pico gigante da Serra onde se subia a pé e a custo durante a noite — a corta-mato, que caminho não havia — para de lá assistir ao mais deslumbrante nascer do Sol; ainda dancei o fado corrido com moças anafadas, estuantes de vida e de cor, no largo da igreja; ainda filosofei, olhando as estrelas, encostado à amurada da velha ponte; ainda assisti ao ritual da matança do porco; nadei e pesquei trutas no rio; fiz, com outros estudantes em férias, ceias dignas de um frade e serenatas de acordar um surdo; joguei o sete-e-meio na botica e o voltarete na cozinha do saudoso Padre Cândido, tio de Esther Abranches; conheci seus pais, ilustres professores, seus tios e seus irmãos, de alguns destes tendo sido contemporâneo e ficado para sempre amigo. Um deles, Cármine Nobre, foi um dos mais famosos estudantes de Coimbra do seu tempo, e depois ilustre jornalista, além de poeta, tendo-nos deixado, entre outras obras, o livro em dois volumes Coimbra de Capa e Batina, que ainda hoje é uma referência da graça e da boémia coimbrã. E também eu, tal como Esther Abranches, filho e aluno da professora da aldeia, me deixei seduzir pelo vernáculo do linguajar beirão. Mestre Aquilino, que o interio-

rizou e trabalhou como ninguém, foi sempre, por isso, um dos meus escritores preferidos. Ainda é. Apesar disso, ou talvez por isso, as suas obras são de leitura difícil para quem não domina o vocabulário das Beiras.

Acontecerá seguramente o mesmo aos leitores de Esther Abranches, que não beberam o leite nem comeram o queijo das ovelhas da serra da Estrela. Mesmo para esses, «O ajuste da soldada», diálogo entre uma mãe, sua filha e uma senhora abastada, a quem vão oferecer os serviços da moça, e sobretudo a copiosa auto-recomendação desta, é uma torrente de rimas aparentemente fáceis — ou facilitadas por artifícios vicentinos — de graça, de casticismo, de delicioso sabor arcaico e popular. É, não obstante a graça procurada e conseguida, um texto sério, a documentar um talento óbvio. Atrevo-me a dizer, e responsabilizo-me por isso: do mais sério, inspirado e talentoso que se tem escrito sobre o Portugal antigo.

O essencial do diálogo, entre a menção de virtudes e defeitos da candidata, era a fixação do montante da paga. A «soldada», assim pitorescamente chamada.

Como confirmará quem a ler, a sua imaginação poética é tão poderosa e a sua rima tão torrencial que mesmo quando escreve prosa, rima sem querer. Ou talvez não!...

Veja-se este naco de prosa em louvor da Senhora das Preces:

Ai ia Ela enfeitada, enfeitada e tão formosa, rosada p'la cor da rosa, tão aberta e olorosa ai, e eu d'Ela tão zelosa, e eu que lhe dera a rosa, me ficava ali parada, a olhar como Ela ia, tão erguida, tão airosa, tão contente à romaria, me deixando ali chorosa, me deixando ali chorosa por não ir onde Ela ia.

A romaria da Senhora das Preces, em Vale de Maceira, num lugar paradisíaco encimado pelo santuário do seu nome, com tantas capelas quantas as cenas da Via Sacra, representadas por esculturas de madeira de tamanho natural, foi, durante muito tempo, cenário de explosões de fé.

Esther Abranches empresta colorido à passagem pela Vide dos romeiros de Trás-de-Serra, aos quais se juntavam os romei-

ros da própria aldeia. Fui ainda, uma vez ou outra, àquela famosa romaria, da qual o farnel, comido sob a copa de árvores seculares, não era uma das menores atrações.

Só que, no meu tempo, as quadras que na Vide se cantavam, em louvor da santa, eram já diferentes das que Esther Abranches rememora e, em meu modesto entender, não menos bonitas. Assim:

Virgem Senhora das Preces,
quem te varreu o Terreiro.
Foram as moças da Vide,
com raminhos de loureiro.

Virgem Senhora das Preces,
Ai, este ano não prometo.
Morreu-me o meu namorado,
não posso lá ir de preto.

Autor, desconhecido. O poeta é Portugal. Precisa-se, urgentemente, de um novo Almeida Garrett e de um Novíssimo Cancioneiro!

Nenhuma transcrição de «O ajuste da soldada» pode dispensar a sua leitura. Se transcrevo uns troços é só para aguçar o apetite de ler a matriz.

Como é que a mãe apresenta a filha à «irmã do Arcipreste», potencial patroa? Começando por lhe exaltar a origem penosa e a rizeza. Assim:

Já era dalpardo
quando ela nasceu
caiu na urtigas
logo se doeu.
Cortei-lhe o cordão
com pedra lascada
num ramo caído
pela trovoada.
Atei-lhe o imbiga
co'ma palha seca

chorava, chorava
como uma rabeça...

.....
Andou à saquita
e assim se criou.
Já teve as maleitas
terçãs e quartãs
tem as carnes sãs
pode-a apalpar.

.....
Os ossos são rocha
pera trabalhar
ela tem cabresto
é não lho tirar.

Passa depois à formulação do pedido:

Pera a idade que ela tem
e o que já sabe fazer,
há quem dê mais um vintém...

.....
O que eu sei, já o aprendeu.
Dê-lhe agora do qu'ê seu!
Já houve alguém que me deu
cinco réis como sinal...
Mas com'assim, mal por mal,
aqui sempre há mais respeito...
São as contas que lhe deito.
Dê-me os dez réis pra dobrar
e temos negócio feito!
Não é barata nem cara:
São dois cruzados por ano,
duas varas de bom pano,
não digo pano de vara.

ÍNDICE

Prefácio de ANTÓNIO DE ALMEIDA SANTOS	7
---	---

O AJUSTE DA SOLDADA

I. ENCONTROS COM GIL VICENTE	45
II. O AJUSTE DA SOLDADA	71
III. O ADORMECER DA MENINA	115

A MATANÇA DO PORCO

E

COZINHAR À NOSSA MODA

I. A MATANÇA DO PORCO	129
O pimento	129
A matança	131
Desmancha do porco	133
Receitas dos produtos do porco	134
O almoço da matança	144
«Caldinho-verde»	146
Almoço da bruziada	149
II. COZINHAR À NOSSA MODA E CEIAS DE VERÃO	163
Ceias de Verão	191

TRÊS VELHAS NA NOITE ESCURA

TRÊS VELHAS NA NOITE ESCURA	211
Notas explicativas	307
As pessoas, o seu modo de viver e de falar	308
«O Senhor Mestre Régio»	309
João Brandão	309
A «sala do serão»	311
O Senhor Arcipreste	315
«Mulheres de esperar»	322
Noémia	324

O CORDÃO, AS ARRECADAS, FIGA, ANÉIS E TRANCELIM

— e o mais que se lerá —

I	329
II	341
III	346
IV	356
O sinal do pão	359
A guerra do belisco	363
O cabo da sala	371
O suadeiro	385
A ovelha	393
A fechar	399